pensata

O mofo e o trabalho do tempo: aproximações entre Caio Fernando Abreu e Veena Das

Giulia Gabriela Brolo Soranz[1]

Resumo

A proposta deste artigo é discutir possíveis aproximações entre duas narrativas: a obra literária *Morangos mofados* (2019), do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu, e a etnografia da antropóloga indiana Veena Das em *Vida e Palavras: A violência e a sua descida ao ordinário* (2020), a partir de uma noção central em ambas: o tempo. A partir da discussão sobre a construção da noção de indivíduo na obra *Morangos mofados*, realizada durante a pesquisa de mestrado, a análise dos contos suscitou questões relacionadas à complexidade das categorias sociais tempo e cotidiano. Utilizando como recurso metodológico a identificação de "estruturas de sentimento" sugerida por Raymond Williams (1979; 2011), a análise da obra levou à ideia de um tempo imensurável, que envolve o indivíduo e o decompõe conforme o transpassa: o "tempo do mofo". Olhando para uma obra literária como uma "etnografia da vida social" que coloca em perspectiva novas visões de mundo, como sugeriu Alessandra El Far (2014), a proposta deste artigo é apresentar uma aproximação entre a ideia de "tempo do mofo", identificada na obra de Abreu, com o "trabalho do tempo" de Das – que expressa a agência do tempo na reconstituição da vida social, permitindo reabitar um mundo que sofreu rupturas após experienciar eventos críticos de violência na Índia. Sem desconsiderar suas especificidades, busco estabelecer, assim, um diálogo entre antropologia e literatura.

Palavras-chave: tempo — antropologia e literatura — Caio Fernando Abreu — *Morangos mofados* — Veena Das.

[1] Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: giulia.brolo@unifesp.br. Orcid: https://orcid.org/0009-0006-8696-2615.

Abstract

The purpose of this article is to discuss possible approximations between two narratives: the literary work *Moldy Strawberries* (2019), written by Brazilian Caio Fernando Abreu, and the ethnography of the Indian anthropologist Veena Das in *Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary* (2020), through a central notion in both: time. From the discussion about the construction of the notion of the individual in *Moldy Strawberries*, completed during my master's research, the analysis of the short stories raised issues about the complexity of the categories of time and everyday life. Used as a methodologic approach the identification of "structures of feeling" suggested by Raymond Williams (1979; 2011), the analysis of the literary work led to the idea of an immeasurable time, which envelops the individual and decomposes them as it passes through them: "time of mold". Looking for a literary work as an "ethnography of social life" that puts into perspective new visions of the world, as suggested by Alessandra El Far (2014), the purpose of this article is to present an approximation between "time of mold" identificated in Abreu's work with "work of time" by Das – that expresses the agency of time in the reconstitution of social life, allowing to reinhabit a world that has suffered ruptures after experiencing critical events of violence in India. Without disconsidering its specificities, I seek to establish, thus, a dialogue between anthropology and literature.

Keywords: time — anthropology and literature — Caio Fernando Abreu — *Moldy strawberries* — Veena Das.

Introdução

As relações entre Antropologia e Literatura são diversas, e os atuais debates sobre elas remontam a épocas anteriores à formação das Ciências Sociais (Orrego; Serje, 2012). Já no século XV, uma forma singular de tradição literária surge: os relatos de viajantes e exploradores das terras distantes, que narravam as experiências e o contato com o "outro" e registravam, de certa forma, uma alteridade frente a diferentes culturas e formas sociais (Balón, 2005). Há, de acordo com Reyes Balón (2005), dois aspectos que mais se destacam nessa interlocução: de um lado, a literatura como objeto de estudo e fonte de documentação; de outro, a necessidade de uma "literalidade" no exercício da escrita etnográfica. Como notaram Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha (2013), o ato de escrever suscita uma série de questões, como a mescla entre uma ciência e a arte; o reconhecimento, por parte do antropólogo, do abismo de valores existente entre o "eu" e o "outro"; e o modo como a escrita etnográfica recria as formas culturais que os fenômenos adotam, exercitando a habilidade de lhes dar vida novamente. É esse último ponto, de acordo com as autoras, que aproxima a Antropologia da Literatura, na medida em que os relatos e as descrições ganham uma estrutura narrativa.

A aproximação que buscamos estabelecer neste artigo[2] diz respeito ao modo como a literatura poderia, como afirma Alessandra El Far (2014), transcender seu caráter ficcional, suscitando uma espécie de leitura de uma obra literária como etnografia da vida social. Considerando a literatura como nossa interlocutora, a proposta é, a partir da análise do livro de contos *Morangos mofados* (2019), do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu, indicar relações e aproximações com o trabalho etnográfico da antropóloga indiana Veena Das, em sua obra *Vida e Palavras: A violência e sua descida ao ordinário* (2020). Assim, permeia nosso horizonte pensar a literatura de Abreu como uma "etnografia do social" (El Far, 2014), ao passo que a etnografia de Das seria uma forma de recriar aspectos sociais e culturais (Eckert; Rocha, 2013) no exercício de sua escrita, em particular no que diz respeito ao tema do tempo em ambas as obras. Em outras palavras, nosso objetivo é realizar uma análise articulada entre Abreu e Das, autores de campos distintos, mas que se encontram quando problematizamos o tempo em seus respectivos escritos.

Se, por um lado, o texto literário poderia fornecer subsídios para refletirmos sobre o fazer antropológico, por outro, "a narrativa de ficção ao revelar mundos diferentes, de modo similar à monografia acadêmica, traz em seu cerne o potencial de relativizar, desnaturalizar, ou, então, de colocar em perspectiva visões de mundo, escolhas e preferências" (El Far, 2014, p. 414). Se pensarmos que há uma relação intrínseca entre autor, texto literário e sua época, e consideramos que cada obra tem uma construção e uma organização interna que lhes são próprias, a literatura expressaria então ideias e ideais, valores e hierarquias da experiência coletiva de determinada sociedade (Williams, 2011). É como se, a partir dessa perspectiva, "a literatura lançasse luz sobre determinados aspectos da realidade social que ainda permanecessem subterrâneos, mesmo aos olhos dos cientistas sociais" (Passiani, 2024, p. 754), possibilitando encontrar expressões e valores sociais no registro do escritor.

Ao colocar em perspectiva o livro *Morangos mofados* (2019) durante a pesquisa de mestrado, com o objetivo de investigar a construção da noção de indivíduo a partir do

[2] Este artigo é fruto de um texto apresentado na ocasião da XV Reunião Brasileira de Antropologia (RAM), em 2025, no "GT 035: Antropologia e Literatura: etnografia e outras figuras de linguagem". Agradeço aos coordenadores pela oportunidade de apresentar e discutir com o grupo, contribuindo para a escrita dessa versão do texto. Agradeço, ainda, aos pareceristas que avaliaram este artigo, pela leitura cuidadosa e minuciosa, proporcionando apontamentos que muito contribuíram para a versão final do texto. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2024/16908-6.

conteúdo de seus contos e da organização da obra, pudemos identificar a centralidade das noções de tempo e de cotidiano nessa construção, especialmente no que se refere aos valores, hierarquias e classificações de uma sociedade que se manifestam na narrativa[3]. Trata-se de um indivíduo atravessado por diversas temporalidades – sincrônicas e diacrônicas –, mas também envolvido por um outro tempo, que chamamos de "tempo do mofo". O tempo do mofo, constituído de movimentos decompositores que se manifestam de modo familiar e paralisante naquilo que é ordinário, não só decompõe a trajetória e a memória, como também abre espaço para a criação e para o novo. É, portanto, com a passagem do tempo que o indivíduo pode encontrar instantes de fruição da vida naquilo que é o seu cotidiano (Soranz, 2024).

Vale dizer, ainda, que Abreu escreveu essa obra em meio às suas experiências no contexto da Ditadura Civil-Militar brasileira na segunda metade do século XX (1964-1985)[4]. *Morangos mofados*, publicado em 1982, não expressa nem denuncia, de modo claro, as mazelas produzidas por aquele tempo – perseguições, torturas, mortes... No entanto, com uma narrativa intimista, Abreu consegue captar uma forma de sofrimento morosa e latente que atravessa o cotidiano do indivíduo. O "tempo do mofo" (Soranz, 2024), por sua vez, tem um papel central na produção desse sofrimento, uma vez que ele se manifesta no ordinário e naquilo que é justamente familiar, produzindo uma atmosfera de decomposição constante, sempre em movimento.

O tema do tempo – e a sua passagem –, não obstante, é imaginado e representado de diversas formas, tanto histórica quanto culturalmente. Nas sociedades ditas primitivas, em que as narrativas míticas regiam a vida social, o tempo era percebido como cíclico, regenerativo e esperançoso, um tempo mítico (Eliade, 1992), baseado no próprio ciclo da natureza. Durante a Idade Média, Santo Agostinho (2017), diferentemente, vislumbrava

[3] Os procedimentos de análise da obra, durante a pesquisa de mestrado, tiveram como ponto de partida o conteúdo do conto, no qual identificamos as "estruturas de sentimento", conforme propôs Raymond Williams (1979) como uma metodologia de análise sociológica da literatura. Essa metodologia leva em consideração o caráter processual da cultura, visando identificar aquilo que o escritor, a partir de sua subjetividade, conseguiu captar das aparentes estruturas fixas da sociedade, além daquilo que é vivo e ativo, em modificação.

[4] Caio Fernando Abreu (1948-1996) viveu grande parte da sua vida sob a ditadura militar. Não é segredo que algumas de suas obras dialoguem de forma mais direta com essa temática. Não somente devido às análises que encontramos em torno de sua obra que destacam o tema da ditadura (Bizello, 2005; Ginzburg, 2007; Mozzaquatro, 2005; Welter, 2016), mas porque, como lembra Williams (2011, p. 62), "as artes da escrita e as artes de criação e da representação são, em todo o seu leque, partes do processo cultural". Assim, o registro de um autor dialoga com questões, valores e hierarquias que uma determinada sociedade estabelece.

uma linearidade no tempo, de modo que as percepções sobre o passado e futuro dependeriam – e seriam construções – do próprio presente. Walter Benjamin (1994), por sua vez, observou a epifania como uma das características mais marcantes do que ele chamou de modernidade, identificando a fugacidade do tempo nos escritos de Charles Baudelaire. Voltando-se para um hábito cultural da Coreia do Sul – mensurar o tempo pela queima de um incenso que produz um aroma específico –, Byung-Chul Han (2009) chamou de tempo "pós-moderno" aquele isento de tal aroma e caracterizado pela dispersão e atomização, sem sentido e tensão narrativa entre os acontecimentos, de modo que os eventos ficam isolados entre si.

De acordo com Norbert Elias (1998), a reflexão de físicos e filósofos perdeu de vista o fato de que o "tempo" se desenvolve na própria sociedade humana. Buscando superar as concepções de que o tempo é tão somente uma "coisa" passível de ser mensurada, o autor o concebe como socialmente construído, expressando uma síntese de relações interdependentes entre natureza, indivíduo e sociedade. De certo modo, Émile Durkheim já havia se distanciado, tal qual Elias, de uma tradição filosófica acerca do debate sobre o tempo. Ao buscar superar as noções temporais como estritamente ligadas a fenômenos da natureza – grandeza, aceleração e sequência –, Durkheim (1998) tinha como proposta pensar o tempo como fenômeno social, como parte do ritmo da vida social. Por assim dizer, a problematização do tempo neste artigo busca conjecturar como essa noção se insere no debate sobre sua dimensão social.

O foco neste trabalho, nesse sentido, será o de estabelecer aproximações sobre aquilo que é o "tempo do mofo" que identificamos na análise de *Morangos mofados* (2019), com a noção de tempo com a qual Das (2020) trabalha a partir de suas etnografias: o tempo e seu caráter de agência, substancial para habitar novamente um mundo cuja vida social sofrera rupturas em meio a contextos de violência na Índia. O intuito é, portanto, explorar como ambos permitem compreender processos de decomposição e recomposição da vida social em contextos de sofrimento e violência. Embora suas obras sejam distantes em diversos aspectos, elas suscitam questões que se entrecruzam na discussão de uma noção fulcral que guiará o desenvolvimento do artigo: o tempo.

Para tanto, organizamos este texto em quatro partes, para além da presente Introdução, que abordou algumas relações entre Literatura e Antropologia, destacando a possibilidade de aproximação entre Abreu e Das. A primeira parte busca correlacionar fatos

históricos e a obra dos autores escolhidos, bem como esclarecer alguns aspectos da abordagem metodológica que fundamenta as noções de tempo (em nossa análise da obra literária e na etnografia de Das). A segunda parte irá explicitar brevemente como chegamos à ideia de "tempo do mofo" na análise de *Morangos mofados* durante a pesquisa de mestrado. Na terceira, exploraremos mais detidamente o último conto da obra de Abreu, com título homônimo ao livro, aprofundando e articulando a análise com a noção de "tempo" de Das. Por fim, nas Considerações finais, faremos uma síntese das possíveis relações que podemos estabelecer entre ambos os autores, nessa interlocução entre Antropologia e Literatura.

Eventos críticos: violência e sofrimento social em diferentes contextos

"Algumas realidades precisam ser ficcionadas antes que possam ser apreendidas" (Das, 2020, p. 68), escreveu Das em *Vida e Palavras: A violência e a sua descida ao ordinário.* Essa obra, publicada originalmente em 2006, tem como tema pensar a violência no tecido da vida social, isto é, não como algo extraordinário, mas no curso da vida cotidiana. Buscando estabelecer relações entre violência e cotidiano a partir de dois eventos críticos[5] na Índia – os tumultos da Partição em 1948 e o assassinato de Indira Gandhi em 1984 –, Das se propõe a compreender como a violência vivenciada pelas pessoas naqueles eventos ainda habitava em suas palavras. Realizando uma etnografia no fluxo da experiência social, sua proposta é fazer o exercício de descida àquilo que é ordinário na vida dessas pessoas. Em meio a essas narrativas, a autora sugere que a ficcionalização de certas realidades é fundamental para que sejam analiticamente apreendidas, sobretudo no que diz respeito ao tema da violência.

A questão "que é recolher os pedaços e viver nesse lugar de devastação?" (Das, 2020, p. 27), ao abordar o tema do sofrimento social, é o que impulsionou Das a descrever sobre "aqueles que escolheram emudecer" (Das, 2020, p. 30), ou seja, aqueles que optaram por silenciar suas vozes ou, no mais, apenas contar novamente a história que todos já sabiam sobre o que havia acontecido com as pessoas em meio àqueles eventos – da Partição da

[5] De acordo com Veena Das, em *Aflição: Saúde, doença, pobreza* (2023a), eventos críticos são aqueles que produzem rupturas na vida social, sendo necessário se reinventar e se reconstruir de alguma maneira. Um evento crítico pode ter diferentes escalas, como pela sua duração (pode nunca terminar, por exemplo, passando por várias gerações). O quase evento seria algo que chega perto de se tornar um acontecimento importante, mas não chega a provocar muitas rupturas.

Índia e dos tumultos após o assassinato de Indira Gandhi[6]. Sendo o silêncio também uma forma de linguagem para tratar do tema da violência, a antropóloga tem como estratégia a descida à vida ordinária dessas pessoas, a fim de desvelar marcas de violência naquilo que há de mais habitual em suas vidas cotidianas. Assim, ela busca compreender o processo de habitar um mundo novamente após passar por tais eventos.

Narrar episódios de eventos críticos nos quais a violência é uma marca é algo que encontramos sobretudo a partir das Grandes Guerras da recente história da humanidade, produtoras de uma série de situações que desencadearam diversas formas de violência: holocaustos, ditaduras militares e genocídios (Sarti, 2014). As narrativas literárias produzidas a partir desses grandes eventos é conhecida, hoje, por literatura de testemunho, cujo conteúdo não apenas denuncia, mas testemunha as mais diversas formas de traumas e violências, sejam como experiência individual ou coletiva. Assim, "a literatura de teor testemunhal participa da nomeação da experiência, de sua elaboração não somente como História, mas como parte da memória coletiva" (Jardim, 2024, p. 24).

Não à toa, alguns trabalhos recentes se dedicaram a pensar relações entre Das e a literatura, focados justamente na questão da violência e do testemunho (Brandão, 2024; Jardim, 2024; Postay, 2020). Afinal, Das chama atenção para o fato de que violências baseadas em diferentes padrões de socialidade, segundo especificidades históricas – como é o caso de traumas e testemunhos do Holocausto –, não podem ser simplesmente transportados para outros contextos. No entanto, apesar da "maneira como os gêneros literários influenciam a narrativização da experiência na vida cotidiana, também reconheçamos que existem outras formas nas quais relacionalidades são criadas e sustentadas na vida cotidiana" (Das, 2020, p. 145). A relação entre literatura e cotidiano pode nos fornecer, assim, uma abertura para aquilo que habita nas palavras, sobretudo se narradas por aqueles que vivenciaram tais eventos críticos.

O que estamos considerando em nossa análise, tanto no que se refere à literatura de Abreu (2019) quanto às palavras destacadas por Das (2020), é como ambas provocam uma

[6] A antropóloga relata, ao longo de *Vida e palavras*: *A violência e sua descida ao ordinário* (2020), alguns cuidados que tomava com seus interlocutores para tratar do tema dos eventos. A relação com uma de suas interlocutoras, Manjit (sobre quem falaremos na última seção), é comentada em determinado momento: "O que julgava envolvente em meu contato com Manjit era o reconhecimento dela de que sua violação era de uma ordem tal que todo o princípio da vida era violado e que não se podia colocá-lo de volta em palavras, exceto com extrema hesitação. Daí os limites que ela criou entre dizer e mostrar não poderem ser ultrapassados por convites descuidados à conversa, tais como: Conte-me o que aconteceu"(Das, 2020, p. 132).

abertura para discutirmos a questão do tempo. Os contos, como disse Julio Cortázar (2008), limitam um tema ou uma imagem que provocam uma espécie de abertura no seu contemplador; de uma forma semelhante, o mesmo ocorre com as palavras narradas por aqueles que vivenciaram situações de violência, de acordo com Das. Então, embora os contos da obra de Abreu não se configurem propriamente como uma literatura testemunhal sobre a Ditadura Militar de 1964[7], este artigo tratará, em cotejo, a Ditadura como evento crítico nos termos de Das, ainda que ela apareça na obra do literato de forma indireta e subterrânea.

Podemos dizer, assim, que, para Abreu, a Ditadura foi um evento crítico, na medida em que provocou uma série de rupturas em sua vida social, sobretudo quando ficou exilado na Europa durante os anos de 1973 e 1974 – período de maiores represálias por parte do governo devido à instauração do Ato Institucional nº 5, conhecido como "Anos de chumbo" (Silva, 2015). Há, evidentemente, uma grande distância entre a Ditadura Civil-Militar brasileira de 1964, de um lado, e a Partição da Índia e os tumultos mencionados por Das, de outro. Mas parece ser justamente na chave do evento crítico que esses fatos históricos e esses autores tão distintos se encontram, sobretudo quando evidenciamos a questão do tempo. Além disso, há uma diferença substancial de abordagem metodológica pela qual nossa análise da obra literária chegou à noção de "tempo do mofo" e ao modo como Das (2020) elaborou a ideia de "trabalho do tempo". Uma vez que nos propusemos a compará-los conceitualmente, é fundamental que façamos essas distinções, apontando como confluem para um mesmo ponto: o ordinário.

Na análise da supracitada obra literária, tomamos como ponto de partida a noção de cultura de Raymond Williams: "*culture is ordinary*"[8]. Isso implica dizer que a literatura, como parte dessa cultura, é constituinte do processo social material, isto é, da nossa realidade: "as artes da escrita e as artes de criação e da representação são, em todo o seu leque, partes do processo cultural" (Williams, 2011, p. 62). Na tentativa de vislumbrar uma análise cultural que se distanciasse tanto da tradição elitista inglesa quanto dos estudos culturais marxistas

[7] Algumas análises de obras literárias de outros autores, cuja temática é a Ditadura Militar brasileira de 1964, consideram-nas efetivamente como "literatura testemunhal", denunciando as mazelas e os traumas consequentes do regime ditatorial (Passiani, 2023; Pertuzzati, Porto, 2017; Pimenta, Arendt, 2024; Rovai, Teixeira, 2016; Seligmann-Silva, 2010; Sinhori, Gomes, 2010).

[8] Na edição brasileira (Williams, 2015), a frase que dá título ao texto foi traduzida para "A cultura é de todos", embora sua tradução literal seja bastante conhecida: "a cultura é ordinária".

em voga no século XX[9], Williams propôs uma "hipótese cultural" para analisar obras de arte e, em especial, obras literárias: é a identificação de "estruturas de sentimento". Se noções de ideologia, mediação, correspondência e homologia reproduzem a dureza do modelo estático marxista de base e superestrutura – que considera a cultura como parte dessa superestrutura, como se fosse uma espécie de reflexo da base determinante –, Williams (1979) propõe uma análise que implique pensar a cultura não como reflexo, mas como constituinte do processo social.

As estruturas de sentimento referir-se-iam àquilo que é vivo e ativo, que está em constante reelaboração, embora aparentemente apareçam com certa fixidez: instituições, hierarquias, linguagem, enfim, aquilo que se encontra na experiência em solução. É a partir dessa opção metodológica que analisamos a obra *Morangos mofados* (2019), atentando-nos tanto ao seu conteúdo (enredo, figuras de linguagem e epígrafes) quanto à forma como a obra foi organizada pelo escritor (a divisão em três partes e os contos inseridos em cada uma delas). Ao olharmos para as estruturas de sentimento da obra, em busca de investigar a construção da noção de indivíduo, a questão do tempo – além do cotidiano e do mundo fragmentado – apareceu de modo fundamental, percurso que apresentaremos na próxima seção.

Das, por sua vez, realiza um trabalho bastante distinto: trata-se de uma etnografia que acompanhou famílias sobreviventes aos tumultos daqueles eventos críticos ocorridos na Índia. Para abordar o sofrimento social dessas famílias, ela diz, sua tarefa etnográfica é "descrever como os sentimentos de ceticismo vêm a ser incrustados em uma vida cotidiana amedrontada" (Das, 2020, p. 31), não em momentos transcendentes, mas justamente no fluxo do ordinário dessas pessoas. Sobretudo, pois, "as palavras tinham para elas [as famílias sobreviventes] uma qualidade congelada e escorregadia, que mostravam sua relação exaurida e insensível em relação à vida" (Das, 2020, p. 35). A descida ao ordinário, portanto, é o recurso utilizado pela autora em suas etnografias, sendo o fluxo da vida cotidiana revelador e instigador para pensar formas de decomposição e recomposição da vida social.

[9] Os estudos culturais na Inglaterra do século XX estavam divididos, de um lado, por uma noção elitista de cultura — representada pelo crítico literário inglês Frank Leavis, que propunha a conservação e a utilização de valores como instrumento da literatura —, e de outro, pela crítica cultural do marxismo ortodoxo — calcada no modelo de base e superestrutura.

É nesse sentido que podemos observar certa confluência, embora com suas especificidades, nas obras de Abreu e Das. Pois, apesar das diferentes abordagens utilizadas que culminaram na discussão do tempo, ambas se encontram na atenção ao ordinário na constituição da vida social. Assim, "na literatura, como em alguns estudos sociais, históricos e antropológicos, esses fatos de mudança sempre podem ser projetados em uma totalidade aparente que possui a vantagem de contê-los, tornando-os, finalmente, imóveis como as pedras" (Williams, 2011, p. 21). Em *Morangos mofados* (2019), há uma abertura provocada por meio das palavras narradas de Abreu, sendo o tempo um fator central no que se refere às experiências daquele indivíduo (Soranz, 2024). De forma paralela, Das (2020) pôde encontrar, a partir de seu trabalho etnográfico, uma experiência coletiva partilhada por pessoas que vivenciaram eventos críticos, e cuja passagem do tempo – e fundamentalmente sua agência – propicia o habitar o mundo novamente. É a partir do processo social material expresso na obra de Abreu (nos termos de Williams) e no fluxo do ordinário (nas palavras de Das) que a questão do tempo emerge, respectivamente.

Da passagem do tempo à vida das frutas

O livro *Morangos mofados* (2019) é dividido em três partes e se estrutura da seguinte forma: 1) "O mofo", com nove contos; 2) "Os morangos", com oito contos; e 3) "Morangos mofados", com apenas um conto e que leva o mesmo título da obra. Este último conto, a nosso ver, parece sintetizar as noções de mofo e de morango predominantes, respectivamente, nas primeiras partes, expressando um movimento entre decomposição e recomposição (Soranz, 2024). Para que possamos chegar à análise imersiva dele e então estabelecer relações com a noção de "tempo" de Das (2020), buscaremos apresentar, aqui, como chegamos às noções de "decomposição e recomposição" e como elas suscitaram questões sobre a complexidade relativa ao tempo e ao cotidiano, enquanto categorias sociais.

Na primeira seção do livro, "O mofo", os contos apresentam narrativas angustiantes, melancólicas e bastante reflexivas acerca da própria existência das personagens. A ideia de mofo, que nomeia esse conjunto de contos, nos remeteu a uma relação entre decomposição (o mofo como um ser destrutivo) e passagem do tempo, uma vez que o tema do tempo teve grande expressão e recorrência durante a análise, sobretudo

em um dos seus contos: "Pela passagem de uma grande dor". O conto tem como ponto central uma conversa via telefone, entre um homem, chamado Lui, e uma mulher, de quem não sabemos o nome. O narrador concentra-se na perspectiva de Lui sobre aquela conversa, como se estivesse ao lado da personagem, descrevendo o ambiente – a sala de estar da casa dele –, bem como as falas, as ações e os pensamentos desse personagem.

No conto, o tempo se manifesta em diferentes formas, variando entre diacrônicas e sincrônicas, como: um tempo marcado pelo relógio e pela extensão musical de um disco, indicando a sua passagem, quando Lui diz: "Já passa das dez" (Abreu, 2019, p. 32), e a garota diz: "O disco tá tocando de novo, já ouvi esse pedaço" (Abreu, 2019, p. 38). Diferentemente do tempo marcado pelos números, há a repetição cíclica das faixas do disco: "O disco acabou, ele não se mexeu. Depois, recomeçou" (Abreu, 2019, p. 35); e a ruptura dele, quando Lui desliga o toca-discos ao fim do conto: "O disco chegara novamente ao fim, mas antes que recomeçasse ele curvou-se e desligou o som"(Abreu, 2019, p. 40). Há também as formas de escapismo da personagem, quando o tempo parece estar suspenso, sobretudo quando diz à garota "Cheirei todas hoje. Estou com aquele... vazio intenso, sabe?" (Abreu, 2019, p. 38).

Há, ainda, uma imagem bucólica estampada na almofada sobre o sofá, que, num primeiro momento, aparece como um detalhe, quando o narrador descreve o ambiente no início do conto: "A primeira vez que o telefone tocou ele não se moveu. Continuou sentado sobre a velha almofada amarela, cheia de pastoras desbotadas com coroas de flores nas mãos" (Abreu, 2019, p. 31). Mas, depois, ela ganha destaque, remetendo-nos a uma ideia de renovação e esperança no fim do conto, pela mudança de sua cor e de sua evidência em relação ao início: "A sala continuava mergulhada naquela penumbra bordô, baça, moribunda, a almofada fosforescendo estranhamente esverdeada à luz azul do mercúrio" (Abreu, 2019, p. 40). Por fim, há outro tipo de marcação temporal por meio das fotografias antigas, que expressam acontecimentos passados, por meio da rememoração e da nostalgia, quando Lui, em meio a mais uma proposta da garota de um encontro, "desdobrou sobre a mesa um papel amarelo, ao lado das duas fotos tão desbotadas quanto as manchas de xícaras quentes na madeira escura. Uma das fotos era de uma mulher quase bonita [...]. A outra era de um rapaz [...] leve estrabismo nos olhos escuros" (Abreu, 2019, p. 37).

Há, no entanto, um outro tempo sobrelevado na análise desse conto, impassível de mensuração: o "tempo do mofo". Trata-se de um tempo que envolve o indivíduo e, por

isso, tem uma experiência distinta dele; assim, o indivíduo não consegue lidar ou mesmo mensurá-lo. O "tempo do mofo" se expressa, aliás, na decomposição e, portanto, no movimento – uma decomposição paralisante e latente, não extraordinária, mas que se manifesta no mais ordinário da vida do indivíduo, causando certo estranhamento no que lhe é familiar. Afinal, embora haja diversos detalhes que remetem a algo familiar (sua casa, o disco que toca, a sala de estar, a velha almofada e as cortinas de renda), trata-se de um ambiente enfadonho, em que nada acontece, com diversos aspectos que reforçam uma ideia de decomposição (evidenciada pela velha almofada amarela desbotada). Assim, esse indivíduo não lida, mas convive e se constitui no "tempo do mofo", percorrendo um cotidiano com um tom angustiante e melancólico.

Na segunda seção da obra, denominada "Os morangos", nos deparamos com uma mudança de perspectiva em relação à primeira: aqui, a noção de morango – como fruição e vivacidade, que advém da palavra "fruta" – se destaca, reiterada também pelo título do conto analisado, o "Pera, uva ou maçã?". Diferentemente de um mofo – um ser destrutivo –, o morango é um pseudofruto em composição. No enredo, que se passa num consultório e apresenta o diálogo entre uma paciente e seu analista, observamos por parte da analisanda uma série de rupturas em meio à lógica utilitária com a qual convive – que impacta não somente ela, mas também seu analista – e que nos remete ao sentido de recomposição, como se momentos de fruição da vida – em instantes de admiração, contemplação e rememoração – pudessem recompor algo que foi decomposto pela passagem do tempo, trazendo certa vivacidade.

Isso fica evidente, por exemplo, no momento em que a garota, a caminho do consultório, se depara com uma banca que vende ameixas e se impressiona. Ela as compra e, a partir daí, passa a realizar uma série de atos costumeiros, conforme comenta o analista diversas vezes durante o conto: ela nunca havia feito antes. Em certo momento, ao rememorar sua infância e sua adolescência durante a terapia, a garota se questiona: "Eu quero, certo? Eu preciso continuar apostando nas ameixas. Não sei se devo, também não sei se posso, se é [...]. Querer? Querer a gente inventa" (Abreu, 2019, p. 119). Trata-se, aqui, de uma mudança de atitude da analisanda observada pelo analista, atitude essa que enfoca em sua aposta nas ameixas: na vivacidade provocada por aquela fruta. Ao fim da sessão, a garota "caminha sobre a mesa, coloca-a [uma ameixa] sobre a agenda ao lado do telefone" e deseja-lhe "Feliz ano novo" (Abreu, 2019, p. 119).

O analista, dividido entre os afazeres do seu trabalho e com as novas atitudes da paciente, diz que "há um momento em que fico parado, ouvindo o barulho do relógio em contraponto com o ar condicionado. Depois, caminho até minha mesa. Toco a ameixa. A cor de sangue, de vinho [...], imagino amarela, sumarenta, estalando contra os dentes (Abreu, 2019, p. 120). No entanto, deixa a ameixa de lado e volta-se à agenda: não há tempo de comer ou contemplar, tampouco de verificar se as meias que calçava estavam trocadas (como disse a analisanda durante a sessão), pois já havia chegado o próximo cliente. Conforme o desenvolvimento dos contos que compõem esse conjunto da obra, pudemos notar, então, um sentido de recomposição a partir da noção de desfrutar (como a aposta nas ameixas). Enquanto o mofo provocaria a destruição e a decomposição, as frutas, por sua vez, representariam os instantes de fruição da vida, que podem auxiliar na recomposição de um indivíduo que caminha cotidianamente com uma forma de destruição morosa – o "tempo do mofo".

O trabalho do tempo no cotidiano: entre decomposição e recomposição

Entre o trabalho etnográfico de Das e a análise de uma obra literária há, certamente, uma grande diferença quanto ao modo de nos levar às noções de tempo e cotidiano. Das (2023b, p. 128) chama atenção, aliás, para "diferentes caminhos de ação e expressão como uma maneira pela qual a antropologia se encontra no mundo. Talvez também possa oferecer a atração do concreto para a filosofia", de modo a valorizar a imersão no concreto – na realidade, no ordinário – para chegar às discussões conceituais. A análise literária é também interlocutora de questões sociais, o que possibilita a discussão conceitual a partir do movimento de seu conteúdo à realidade social, e não o contrário. Embora o trabalho etnográfico de Das mergulhe no concreto, em certos momentos ela também recorre ao imaginário literário como caminhos de abertura para compreender certas questões voltadas à violência e à dor[10]. Nesse sentido, analisarei alguns trechos do conto que constitui a última

[10] Isso aparece, sobretudo, no Capítulo 3, intitulado "Linguagem e corpo: Transações na construção da dor", de *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário* (Das, 2020). Aqui, Das recorre a três cenas no registro do imaginário — duas delas de narrativas literárias — para compreender a dor como uma forma de linguagem que, embora não possa ser sentida pelo outro, busca e reivindica a sua compreensão, fazendo-se habitar no corpo do outro.

seção da obra de Abreu (2019) intitulada "Morangos mofados", para assim nos levar, paulatinamente, ao diálogo com Das.

O conto "Morangos mofados" apresenta uma subdivisão em andamentos que compõe a harmonia do conto[11]: "Prelúdio", "Allegro Agitato", "Adagio Sustenuto", "Andante Ostinato" e "Minueto e Rondó", expressando cada momento do enredo, além de dar ritmo ao conto. O "Prelúdio", cujo significado da palavra nos remete à ideia de anteceder ludicamente algo que está por vir, introduz o tom de todo o conto com o seguinte parágrafo:

> No entanto (até no-entanto dizia agora) estava ali e era assim que se movia. Era dentro disso que precisava mover-se sob o risco de. Não sobreviver, por exemplo – e queria? Enumerava frases como é-assim-que-as-coisas-são ou que-se-há-de-fazer-que-se-há-de-fazer ou apenas mas-afinal-que-importa. E a cada dia ampliava-se na boca aquele gosto de morangos mofando, verde doentio guardado no fundo escuro de alguma gaveta (Abreu, 2019, p. 159).

Como uma espécie de antecipação do que encontramos no conto, a ideia de conformação de que a movimentação é necessária é ressaltada pelo narrador, embora esteja mergulhado numa atmosfera de destruição provocada pelo mofo – podemos notar isso ao começar a frase com o conectivo "No entanto", expressando oposição a uma ideia que viera antes; no caso, toda a narrativa desenvolvida anteriormente na obra. A questão é que "estava ali e era assim que se movia", conformado de que não haveria uma possibilidade consolidada de mudança (é-assim-que-as-coisas-são), como se qualquer possibilidade diferente disso estivesse em decomposição. "No entanto", isto é, apesar da destruição dos mofos e de certa vivacidade que aparece anteriormente na obra, havia uma necessidade e uma aposta no movimento, pois o rapaz se movia sob o risco de não sobreviver.

Embora à primeira vista aceite o que há de ser feito – através de expressões como "é-assim-que-as-coisas-são" ou "que-se-há-de-fazer-que-se-há-de-fazer –, a frase "mas-afinal-que-importa" realça o jogo entre conformação e descontentamento, ao questionar "o que realmente importa?". Etimologicamente, a palavra "importar" tem sua origem do latim: *in* (dentro) e *portus* (passagem). De tudo aquilo, importa o que se coloca para dentro, isto é, da passagem – seja de ideias, de pessoas, do tempo –, importa aquilo que permanece. O

[11] Em vista de um maior aprofundamento na análise do conto, considerando as limitações do artigo, selecionei trechos de cada subdivisão que pudessem sintetizar a ideia geral do conto, uma vez que não seria possível analisar integralmente cada uma de suas passagens, pois trata-se de um conto com cerca de nove páginas (Abreu, 2019, p. 159-197).

narrador questiona – em tom de conformação, mais que de descontentamento –: o que importa? Ou seja, o que permanece, no final das contas?

No meio desse jogo, permanecia "aquele gosto de morangos mofando, verde doentio, guardado no fundo escuro de alguma gaveta", um gosto impalatável e repugnante que se encontra em ação – um morango mofando, no gerúndio –, de maneira que o mofo encontra condições para se desenvolver em seu próprio tempo, afinal, o mofo se dá justamente no tempo. Se pensarmos no morango como um fruto (em composição) que está mofando (em decomposição), ludicamente encontramos pistas do que vem a ser esse conto: o jogo entre decomposição e recomposição.

O mofo que encontramos no morango, causado pelo fungo *Botrytis cinerea*, se desenvolve com mais facilidade em certas condições[12]. Uma das características da infecção dos morangos, que também aparece no trecho que estamos analisando, é que sua ocorrência pode se dar em qualquer fase do desenvolvimento do pseudofruto, inclusive quando o morango está verde. De acordo com o narrador, o morango que está mofando, cujo gosto se amplia na boca, é "verde doentio", como se o tempo – o "tempo do mofo" – tivesse uma cor (verde). Se buscarmos a história e a simbologia das cores, o verde, assim como outras, tem uma significação cultural e histórica: por remeter à natureza, pode estar relacionada à ideia de tranquilidade; no entanto, possui também uma significação negativa e que, com o passar do tempo, tornou-se predominante: são as ideias de ambiguidade e inquietude (Pastoureau, Simonnet, 2006).

O historiador da arte Michel Pastoureau (2006) constatou que essa cor, se comparada às outras, desbota com mais facilidade, independentemente da técnica de coloração utilizada. Por isso, no campo simbológico, essa seria a cor mais ambígua e instável da história das cores, ressaltada por seu caráter de variabilidade. No jogo ambíguo de significações entre sorte e azar, fortuna e infortúnio, vigor e imaturidade, o verde representou, por muito tempo, a ideia de instabilidade. O "verde doentio" do morango, portanto, pode nos remeter à característica simbólica de variabilidade, ou seja, ao mesmo tempo que o morango está amadurecendo, encontra-se também em processo de

[12] A infecção do fungo se inicia pelas folhas e caules, tratando-se de uma infecção latente. Os conídios — massa cinzenta formada sobre a superfície do morango — são, para além de decompositores, disseminadores do fungo (Ueno; Costa, 2016). As melhores condições de desenvolvimento desses fungos são a umidade relativa do ar alta, bem como a temperatura entre 14 ° e 16 °C (Azevedo Filho; Tivelli, 2017).

apodrecimento (mofando). Trata-se de um morango guardado no fundo da gaveta que, à primeira vista, não enxergamos; no entanto, ele se faz presente, embora permaneça oculto, como se estivesse congelado no tempo – no entanto, está sempre em movimento, pois está mofando.

Podemos estabelecer, aqui, um primeiro ponto de aproximação entre o "morango verde doentio" guardado no fundo da gaveta e uma característica notada por Das (2020) ao conversar com mulheres que experienciaram a Partição da Índia em 1948 – um evento de bastante violência e conflitos que resultou na cisão entre Índia e Paquistão. Havia ali uma "zona de silêncio em torno do evento" (Das, 2020, p. 86), onde preservavam e resguardavam, em nome da vida social, aquilo que a autora chamou de "conhecimento venenoso", isto é, o conhecimento de que as violências pelas quais passaram poderiam levá-las à morte social – e até física[13]. Era o código de silêncio que protegia as mulheres que, após serem resgatadas nos tumultos, eram levadas de volta às suas respectivas famílias. Aquilo que elas haviam experienciado, portanto, precisava se manter congelado, oculto. Observando tal característica, Das (2020, p. 88) utiliza a metáfora da gravidez para descrever essas violências: a possibilidade de permanecer viva seria "escondendo a dor, abrigando-a como uma criança é abrigada no corpo da mulher".

A relação que podemos construir entre o "morango verde doentio" e o "conhecimento venenoso" é que ambos se encontram congelados, guardados no fundo de algum lugar. Embora inacessíveis e ocultos à primeira vista, permanecem onde estão, causando incômodos que nem sempre podem vir à tona – como é o caso das mulheres violentadas no contexto da Partição da Índia –, pois recuperar tais acontecimentos levaria à sua morte – certamente a morte social, e por vezes a morte física. A questão que se estabelece aqui, até o momento, é o permanente incômodo de algo congelado, guardado, oculto, mas que decompõe (como o mofo) ou corrói (como o veneno).

Em seguida, "Allegro Agitato" – que indica um ritmo mais rápido e agitado – caminha para um outro momento do conto: em um consultório clínico, um paciente (que é o próprio personagem central do conto) se queixa de um mal-estar que o incomoda e o

[13] No contexto do evento da Partição da Índia, muitas mulheres foram sequestradas pelos invasores do Paquistão, sobretudo aquelas que se encontravam nas fronteiras de onde veio a ser a delimitação entre um país e outro. Ao serem raptadas, muitas dessas mulheres eram estupradas, o que significava, segundo os valores sociais e culturais da Índia, a morte social daquela mulher, sendo motivo de rejeição delas pela própria família (Das, 2020).

persegue, levando-o a procurar ajuda médica para identificar o que estaria ocorrendo. Ao fazer a checagem e o médico garantir que o rapaz estaria em excelente forma, não havendo nada de errado com o coração, com o corpo ou com o cérebro, o paciente formula uma resposta ao médico, mas a guarda em seus pensamentos: "Caro senhor. Acendeu outro cigarro, desses que você fuma o dobro para evitar a metade do veneno, mas não é no cérebro que acho que tenho o câncer, doutor, é na alma, e isso não aparece em check-up algum" (Abreu, 2019, p. 159).

Segundo o paciente, tratar-se-ia, então, de uma doença incômoda impossível de aparecer em qualquer checagem médica, ressaltando que seu câncer é na alma. Temendo que o médico fosse "desandar a tecer considerações sociopolítico-psicanalíticas sobre 'O Espantoso Aumento da Hipocondria Motivada pela Paranoia dos Grandes Centros Urbanos'" (Abreu, 2019, p. 160), como se o incômodo sentido pelo rapaz fosse um "mal de nosso tempo", o paciente já observa um comportamento genérico do médico, assim como imagina as recomendações que ele faria para uma doença de cura instantânea. Assim, as observações, pensamentos e falas do narrador-paciente se misturam:

> [O médico] bateu com cuidado o cigarro no cinzeiro, um cinzeiro de metal, odiava objetos de metal, e tudo no consultório era metal cromado, fórmica, acrílico, antisséptico, im-po-lu-to, assim o próprio médico, não ousando além do bege. Na parede a natureza-morta com secas uvas brancas, peras pálidas, macilentas maçãs verdes. Nenhuma melancia escancarada, nenhuma pitanga madura, nenhuma manga molhada, nenhum morango sangrento. Um morango mofado – e este gosto, senhor, sempre presente em minha boca? (Abreu, 2019, p. 160).

Nessa passagem, podemos notar uma dualidade entre o vivo e o artificial: as falas prontas, o comportamento do médico e o ambiente do consultório (decoração da natureza-morta e objetos metálicos) transpassam uma sensação de que o espaço da decomposição, por excelência, careceria da vivacidade que o personagem busca. O incômodo do paciente é na alma e, por isso, escaparia de qualquer exame que o médico lhe sugerisse. Trata-se de um incômodo oculto, escondido como o morango no fundo de uma gaveta escura, mas que age e vem à tona com a passagem do tempo. O paciente identifica, ainda, a presença de frutas em decomposição na decoração do consultório, ressaltando a ausência de frutas vivas, sangrentas e molhadas. Imediatamente, indaga-se sobre o gosto de morango mofando que se ampliava em sua boca: o mofo agindo com a passagem do tempo.

Na esteira da reflexão sobre a dimensão social do tempo, tal como algumas perspectivas clássicas e contemporâneas apresentadas brevemente na Introdução (Durkheim, 1988; Elias, 1988), Das (2020) identifica que há um caráter de agência no tempo. De modo que "o trabalho do tempo, não sua imagem e representação, é o que me importa aqui enquanto descrevo esses processos" (Das, 2020, p. 118). A perspectiva da autora sobre o tempo carrega, portanto, sua atividade no fluxo social, isto é, a capacidade de agência do tempo, de realizar um "trabalho" em vista de refazer as possibilidades de habitar um mundo em que a vida social sofreu rupturas. Assim, o trabalho do tempo ocorre justamente num cotidiano repleto de eventos, pois "a simultaneidade de eventos no nível do tempo fenomenal que estão distantes no tempo físico torna o todo do passado disponível simultaneamente" (Das, 2020, p. 138). Ou seja, a perspectiva de Das suscita a dimensão social no tempo, na medida em que é destacada a sua ação efetiva no processo da vida cotidiana, sem deixar de olhar para uma linearidade que acompanha seus efeitos no fluxo.

Se retomarmos a perspectiva de Elias sobre o tempo enquanto síntese de natureza, indivíduo e sociedade, o tempo seria uma espécie de "quadro de referência de um grupo humano" (Elias, 1988, p. 60) que proporcionaria limites e comparações em meio a uma sequência ininterrupta de mudanças. Isto é, o tempo enquanto síntese de processos físicos e sociais emerge como "figuração simbólica do fato de que tudo o que existe encontra-se no fluxo incessante dos acontecimentos" (Elias, 1988, p. 31). Cumprindo funções de integração e coordenação no fluxo dos acontecimentos, a perspectiva sociológica que Elias nos fornece sobre o tempo parece se aproximar daquilo que Das identifica em sua etnografia: o tempo, no fluxo dos acontecimentos – ou no ordinário, como ela diz –, carrega uma qualidade de agência; tratar-se-ia de uma ação – como uma integração, para citar Elias –, uma vez que é o trabalho do tempo que proporciona o reabitar de um mundo – físico e social – devastado.

Para prosseguirmos com essa noção de tempo – a ação do mofo na passagem do tempo – e sua relação com a ideia de "trabalho do tempo", de Das (2020), avancemos para a terceira parte do conto, cuja expressão musical que lhe dá título – "Adagio Sostenuto" – direciona a narrativa para um ritmo mais cômodo, de andamento devagar e contínuo:

> Quando acordou, o sol já não batia no terraço, o que trocado em miúdos significava algo assim como mais-de-duas-da-tarde. Tinha tomado três comprimidos, um pela manhã, outro pelo almoço, outro antes de dormir, só que juntos – e o gosto persistia na boca. Strawberry, pensou, e quis então como antigamente ouvir outra vez os Beatles (Abreu, 2019, p. 161).

Embora desconfie das recomendações médicas – o paciente imagina que sejam genéricas e não específicas para o seu incômodo –, acaba por tomar os comprimidos do dia de uma vez só, como se estivesse se esforçando para acabar imediatamente com aquele gosto que ampliava em sua boca. Ao sentir aquele gosto de morango mofando, recorda-se, com certa nostalgia, de uma canção que ouvia antigamente: "Strawberry Fields", dos Beatles, perguntando-se por onde estariam andando agora os integrantes da banda. No entanto, no desenrolar do enredo, o rapaz passa por uma tensão entre o pensamento de que deveria se mover – inventar os próximos dias – e uma preguiça, enfadonha, que o fazia permanecer parado. Ao fim da terceira parte, ele diz:

> Noites sem dormir e a luz do dia esverdeando as caras pálidas e as peles secas desidratadas e as vozes roucas de tanto falar e fumar e falar e fumar. Vomitou mais. Nojo, saudade. Sou um publicitário bem-sucedido, macio, rodando nas nuvens [...]. Strawberry Fields: no meio do vômito podia distinguir aqui e ali alguns pedaços de morangos boiando, esverdeados pelo mofo (Abreu, 2019, p. 163).

Ao passar noites sem dormir, talvez devido ao mal-estar, o rapaz encontra "a luz do dia esverdeando as caras pálidas e as peles secas desidratadas". Essa frase do trecho permite-nos ressaltar dois pontos que aparecem no conto: primeiro, o sentido simbólico de variabilidade e mutação atribuído à cor verde (Pastoureau, Simonnet, 2006); segundo, a morbidez – uma certa decomposição – a partir da palidez, da secura e da desidratação. A cor esverdeada da luz do dia, ao incidir sobre "as caras pálidas e as peles secas desidratadas", traria uma nova perspectiva: a transformação daquilo que está em decomposição.

O rapaz recorda-se novamente da canção "Strawberry Fields", pois, observando seu próprio "vômito[,] podia distinguir aqui e ali alguns pedaços de morangos boiando, esverdeados pelo mofo". A cor verde, nesse sentido, é atribuída ao mofo, ressaltando aquela ideia de mutação: agora, aliás, o morango mofado estava fora de seu organismo, exteriorizado. A decomposição – provocada pelo mofo no morango – e a recomposição – o morango mofado fora de seu organismo – representariam a variabilidade da cor verde. Assim, além de o morango assumir uma forma ao ser exteriorizado – não se restringindo mais à dimensão figurativa de um morango mofando dentro de um organismo –, oferece

condições para a recomposição do rapaz. É nesse ritmo marcado por um andamento lento e contínuo – "Adagio Sostenuto" – que o morango mofando, cujo gosto se impregnava na boca do rapaz, vai, paulatinamente, deteriorando-se e se exteriorizando, possibilitando a sua recomposição.

A quarta parte do conto, "Andante Ostinato", é conduzida por um andamento mais tranquilo, sem precipitações, ao narrar o rapaz acordando de um sono leve, em que sonho e realidade se misturavam. Ao despertar:

> Desligou a televisão, saiu para o terraço de plantas empoeiradas, devia cuidar melhor delas, não fosse essa presença viva dentro de mim corroendo carcomendo a célula pirada na alma fermentando o gosto nojento na língua. [...] Bastava um leve impulso, debruçou- se no parapeito, entrevado, morto da cintura para baixo, da cintura para cima, da cintura para fora, da cintura para dentro – que diferença faz? Oficializar o já acontecido: perdi um pedaço, tem tempo. E nem morri (Abreu, 2019, p. 164).

O rapaz desliga a televisão, sai para o terraço e observa a poeira que paira sobre as plantas; pensa então que poderia cuidar melhor delas, se não tivesse aquela coisa viva dentro de si corroendo-o. Tal presença viva dentro de seu organismo que o corrói e o carcome – o destrói – seria o próprio mofo, podemos supor. O gosto de morango mofando persiste em sua boca, e o apodrecimento desse morango, que fermenta no paladar um "gosto nojento", só é possível na medida em que há vida: o mofo, um ser vivo, decompõe o morango e corrói o próprio ser. É interessante pensar como a decomposição do morango depende, portanto, da vivacidade daquele microrganismo: isso fez com que o rapaz perdesse um pedaço de si mesmo; "tem tempo. E nem morri", como ele diz.

É na ideia de passagem do tempo em *Morangos mofados* (2019) – em que o "tempo do mofo" se manifesta – que encontramos uma relação com a noção de "trabalho do tempo", de Das (2020). O trabalho etnográfico de Das lhe permitiu entrar em contato, como dissemos, com diversas narrativas, por meio das quais, entre palavras e silêncios, foi possível observar como a violência vivenciada em eventos passados ainda se manifestava no cotidiano dessas pessoas. Um desses casos narrados em *Vida e Palavras: A violência e sua descida ao ordinário* (2020) é o de Manjit, cuja família, como muitas outras indianas, vive num "equilíbrio precário em torno de questões de honra e vergonha" (Das, 2020, p. 120). Manjit foi raptada durante os tumultos da Partição, quando seus pais morreram. Diferentemente da maioria das mulheres que passaram por isso, Manjit não foi abandonada pela sua família.

Sob os cuidados de um tio, arranjou-se um noivado com um homem muito mais velho, que não tinha conhecimento da violência vivenciada por ela, pois a "comunidade parecia ter oferecido seu silêncio como proteção" (Das, 2020, p. 120).

O casamento de Manjit teve uma série de dificuldades: seu marido foi consumido por desconfianças de que ela poderia ter sido estuprada (o que significaria a morte social dela); ele imaginava estar sendo enganado e até que ela poderia ter um amante. Tais suspeitas não eram reveladas diretamente, mas por insinuações em momentos de brigas e embriaguez por parte dele. A raiva por Manjit, além de outras situações, foi projetada contra seu filho primogênito, de modo que "tudo era uma luta", afirmava Manjit: desde comprar um livro para o filho na infância até as preparações de seu casamento. O pai não queria aceitar o casamento do filho, pois queria que ele se casasse com uma garota de família rica. Do noivado até os anos seguintes ao casamento, o pai arrumou uma série de empecilhos e confusões. Manjit intermediava e suportava esses problemas muitas vezes de maneira silenciosa, sendo privada de ver o filho e os netos, além de apanhar do marido devido a essas situações. Somente no fim da vida do marido de Manjit, quando ele se encontrava cego, acamado e com os rins falhando, que seu filho e a família que construíra longe dele retornaram.

Foi nesse momento da vida de Manjit que Das passou a ter contato com ela. Segundo a antropóloga, Manjit encontrou alegria nos netos e não tinha nada de que se queixar do que foi a sua vida, pois a época ruim havia passado. A vida de Manjit é uma das narrativas que levou Das a pensar o tempo como agência:

> A paciência de Manjit de aguardar seu tempo – observando o tempo para aproveitar os momentos específicos em que poderia impor a sua visão acerca da verdade de sua família – fazia dela mais uma caçadora à espreita que uma rebelde. De fato, suas conversas sempre foram temperadas com afirmações sobre o tempo. Vakat di mar hai, vakat ne bade sitam dhayem vakat kadna si – isto é, é assim que o tempo fere, o tempo faz desaguar grandes crueldades, era preciso fazer o tempo passar: a visão do tempo em todas essas declarações era a de um carrasco cruel (Das, 2020, p. 125).

A grande contribuição de Das é pensar a violência na chave do relato temporal, pois é por meio do trabalho do tempo que as pessoas encontram formas de se reinventar diante das rupturas produzidas por esses eventos violentos. É a própria passagem do tempo que permite que o mundo seja reabitado. Assim, a agência do tempo daria o impulso às pessoas na vida cotidiana para voltarem a habitar, no fluxo do ordinário, uma vida que fora

dilacerada. Esse modo de abordar o tempo pode estar relacionado à ideia de tempo do mofo que desenvolvemos na análise de *Morangos mofados* (2019), cuja passagem permite uma recomposição daquilo que já foi decomposto, destruído: o rapaz já tinha perdido um pedaço de si, mas, como salienta, nem havia morrido.

Retomando o conto, notamos um diálogo com a proposta de Das de pensar como o tempo age nas relações, permitindo certo restabelecimento no mundo social:

> Ele teve certeza. Ou claras suspeitas. Que talvez não houvesse lesões, no sentido de perder, mas acúmulos no sentido de somar? Sim sim. Transmutações e não perdas irreparáveis, alices-davis que o tempo levara, mas substituições oportunas, como se fossem mágicas, tão a seu tempo viriam, alices-davis que um tempo novo traria? Não era uma sensação química. Ele não tinha a boca seca nem as pupilas dilatadas. Estava exatamente como era, sem aditivos (Abreu, 2019, p. 166).

O tempo – que leva "alices-davis" e traz novos deles – teria, para Das (2020), o trabalho de refazer relações, de permitir novas formas de recriar e reabitar o mundo. Há, na fala do rapaz, um "conhecimento venenoso" sobre a perda de Alices e Davis, isto é, sobre as relações rompidas durante a vida; no entanto, não se trata de perdas irreparáveis, mas de transmutações: a passagem do tempo permitiria a recomposição do mundo social. Ou, nos termos de Das, ao mesmo tempo que o tempo promove rupturas, é como se ele também trabalhasse para que novas relações sejam criadas, possibilitando, assim, reabitar o mundo de outra maneira. E isso não ocorre de forma imediata, mas com a passagem do tempo: como o rapaz observa, os remédios e aditivos recomendados pelo médico já não estavam em seu organismo. Sentia-se, enfim, aliviado daqueles incômodos: tanto do gosto de morango mofando – após o expelir os pseudofrutos – quanto das drogas receitadas – uma sensação química dentro de si, como um veneno que denuncia que há algo de errado ali.

Há, aqui, uma diferença quanto à ideia de passagem do tempo em Abreu e em Das. Se, na análise do conto "Morangos mofados", a passagem do tempo expressa um movimento da decomposição à recomposição, fazendo com que aquilo que está oculto se manifeste para que possa ser "curado", em Das, a passagem do tempo se manifesta de outra forma. Pois é o conhecimento venenoso – corrosível e que permanece oculto – que possibilita, na verdade, gerar novas relações possíveis. As formas de se reabitar o mundo a partir dos eventos críticos, nesse sentido, são possíveis pela passagem do tempo: o tempo

congela a experiência, mas apenas a sua passagem, o seu movimento, é capaz de ensejar a continuidade frente à devastação.

Para tanto, era necessário que as mulheres convertessem a passividade de ser em agência, ao ser receptáculo do conhecimento venenoso, isto é, abrigando-o como uma criança em seu interior. Para Das (2020, p. 88), é esse "movimento da superfície para a profundidade [que] também transforma a passividade em agência", nunca deixando de reter a dor interior, pois é isso que torna possível conviver com ela à medida que o tempo passa. No entanto, o ponto-chave de aproximação que podemos estabelecer entre esses autores é justamente a qualidade de agência que a antropóloga identificou na questão temporal: é a agência do tempo, é o seu trabalho, que permite o reabitar, a recomposição.

Encaminhando-nos para o fim do conto, a última parte, intitulada "Minueto e Rondó", expressa um ritmo e um andamento mais simples e moderado, narrando a cena em que o rapaz sai para o terraço da sua casa e fixa-se no horizonte de concreto, onde não se distingue nem o que é o céu. Percebendo uma grande mudança em relação ao início do conto, o rapaz, tranquilamente:

> Abriu os dedos. Absolutamente calmo, absolutamente claro, absolutamente só enquanto considerava atento, observando os canteiros de cimento: será possível plantar morangos aqui? Ou se não aqui, procurar algum lugar em outro lugar? Frescos morangos vivos vermelhos./Achava que sim./Que sim./Sim (Abreu, 2019, p. 167).

O gesto de abrir os dedos, podemos supor, seria um sinal de relaxamento e de descontração, afinal, ele estava, naquele momento, "Absolutamente calmo, absolutamente claro", observando atentamente o ambiente e até considerando plantar morangos no canteiro que tinha ali. Não seriam quaisquer morangos: "Frescos morangos vivos vermelhos". Um (pseudo)fruto composto, vivo e vermelho; sem o mofo que o decompõe, distante do gosto de morango mofando que tanto persistiu em seu paladar e que tanto custou para eliminá-lo. "Achava que sim", que poderia plantar e colher aquele tipo de morango ali; "Que sim. /Sim".

Gradualmente, do "Achar que sim" ao "Sim", há uma mudança de perspectiva, um aumento de clareza sobre o que poderia ser feito. Uma afirmação íntegra de que poderia plantar e colher morangos vivos e vermelhos, pois estaria ele também, agora, íntegro, sem aquele ser vivo que estaria decompondo-o por dentro. Apesar do "tempo do mofo", é com a passagem do tempo, com a sua agência de transformação, que foi possível a sua

recomposição, pois, como afirma Das (2020, p. 126), "o tempo não é algo puramente representado, mas um agente que 'trabalha' nas relações – permitindo que sejam reinterpretadas, reescritas, às vezes sobrescritas". O tempo, nessa perspectiva, abre caminho para o novo: da decomposição à recomposição, mas também para uma nova decomposição, afinal, o "tempo do mofo" em questão se manifesta cotidianamente, de modo que aquele indivíduo convive e está envolto por ele, ainda que haja também momentos de fruição da vida.

Considerações finais

As relações que buscamos construir neste trabalho nos permitem elencar algumas considerações. A abertura provocada pela aproximação entre Antropologia e Literatura ensejou observar o modo como perspectivas distintas podem estar profundamente entrelaçadas: por um lado, naquilo que identificamos na obra de Abreu ao considerá-lo como "etnógrafo da vida social" (El Far, 2014), ao registrar no imaginário literário aspectos, valores, hierarquias e classificações que uma sociedade estabelece, sendo capaz de captar, inclusive, movimentos e mudanças ainda embrionárias (Williams, 1979). Por outro, no trabalho etnográfico de Das, uma vez que identificamos em sua obra uma reinterpretação dos fenômenos observados, suscitando uma escrita literária que é arraigada ao processo da pesquisa antropológica (Eckert; Rocha, 2013).

Seguindo os passos de Williams (2011), que considera as artes da escrita como constituintes do processo cultural, a obra literária de Abreu, como nossa interlocutora, permitiu-nos compreender aspectos de uma determinada sociedade. Ao investigar que noção de indivíduo estava construída em *Morangos mofados* (2019), deparamo-nos com uma forma específica de pensar o tempo como um fenômeno social: não somente aquelas formas temporais sincrônicas e diacrônicas, mas também o que identificamos como "tempo do mofo", constituído de movimentos decompositores que se manifestam no familiar e no cotidiano (Soranz, 2024).

O jogo entre decomposição e recomposição nesse livro compreende, portanto, uma temporalidade imensurável, que envolve o indivíduo e decompõe suas memórias, lembranças etc. conforme o tempo o transpassa. Entre os movimentos decompositores constituídos de simultâneas temporalidades, é no ordinário que o indivíduo pode encontrar

instantes de fruição da vida – representados pela figura dos morangos. Por meio de mudanças a partir do fruir, do decompor e do renascer – como observamos no conto analisado –, chegamos a uma relação com a noção de "trabalho do tempo", de Das (2020). Isso é possível na medida em que ambos se encontram na temática de uma espécie de sofrimento social em contextos de eventos críticos, sobretudo se colocarmos em discussão a noção de tempo em suas respectivas obras, que se valem de uma dimensão social, como tentamos mostrar na última seção.

Os registros de Abreu na literatura dizem respeito também às suas próprias vivências de um evento crítico – tal como os interlocutores de Das, embora em contextos distintos. Abreu escreve durante e sobre a ditadura, embora isso não apareça explicitamente em *Morangos mofados* (2019), que foi publicado nos últimos anos daquele período. Se considerarmos que "as sociedades e as literaturas possuem histórias humanas ativas e conflitantes, sempre inseparáveis de valores ativos" (Williams, 2011, p. 21), é sobre esses "valores ativos" – valores complexos, sempre em transformação, que não se congelam em moldes, formas e totalidades – que nos concentramos na análise da obra. Neste trabalho em específico, destacamos o último conto da obra por expressar a totalidade dos movimentos internos do livro, isto é, de como o "tempo do mofo" se constitui e se manifesta cotidianamente, em um contexto de sofrimento social.

Nos termos de Das (2023a), tomamos a Ditadura Civil-Militar, de 1964-1985, como um evento crítico, pois, se um evento se define pelo engajamento político dos sujeitos, então o regime ditatorial operou como tal na trajetória de Abreu, ao produzir uma sequência de rupturas em sua vida social – culminando no autoexílio na Europa (1973-1974), período de forte repressão. Como disse Das (2020), se a ficcionalização de certos aspectos da realidade é importante para que esta seja apreendida – sobretudo no que se refere a eventos violentos e que provocam rupturas na vida ordinária daqueles que os vivenciam –, o livro de Abreu (2019) nos permitiu fazer um diálogo entre literatura e sociedade, de modo que o movimento do mofo aos morangos guarda semelhanças, de certa forma, com o modo como o trabalho do tempo age nas relações sociais.

Essa aproximação, vale dizer, não desconsidera suas especificidades. O mofo encontra condições para se desenvolver na passagem do tempo. E é justamente pela passagem do tempo que se abre a possibilidade da recomposição. Em outras palavras, a abertura para o novo e para o recomeço, para a eliminação de um incômodo oculto e

latente, depende de sua manifestação: a partir do rompimento com o utilitário, vivenciando o tédio e a criação (o rapaz precisaria inventar seus próximos dias), aquilo que está oculto é, enfim, trazido à tona (por vezes, até exteriorizado, como aconteceu com os morangos). Embora sempre envolvida por um mal-estar generalizado, a passagem do tempo se constitui de certos momentos de fruição, renovação e esperança em meio à ação do mofo.

As situações apresentadas por Das (2020) – não como uma forma de ilustrar um caso, mas para apresentar as possibilidades de novas relações sociais – também estão relacionadas com a passagem do tempo – e com o seu caráter de agência. É como se o tempo trabalhasse para a transformação de algo, que ocorreria num cotidiano "pleno de eventos em si mesmo" (Das, 2020, p. 30). No entanto, em vez de vir à tona (tal como a presença do gosto de um morango mofando, bem como a sua exteriorização), aquilo que estava oculto deveria permanecer oculto, para que o tempo pudesse trabalhar. A passagem do tempo, portanto, possibilitaria reabitar um mundo devastado, uma vez que o conhecimento venenoso é incorporado, e não manifestado. Como disse Manjit: "o tempo é o que pode atacar alguém, o tempo é o que pode curar alguém" (Das, 2020, p. 135).

Referências

ABREU, C. F. *Morangos mofados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de Lorenzo Mammi. São Paulo: Penguin, 2017.

AZEVEDO FILHO, J. de; TIVELLI, S. *Como produzir morango orgânico?* Rio de Janeiro: Sociedade Nacional de Agricultura; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas; Centro de Inteligência em Orgânicos, 2007. (Série Capacitação Técnica, ano 2, n. 1).

BALÓN, R. Los métodos de la Antropología y la Literatura. *Disparidades. Revista de Antropología*, *[S. l.]*, v. 60, n. 1, p.°43-58, 2005. DOI:°https://doi.org/10.3989/rdtp.2005.v60.i1.114. Disponível em: https://dra.revistas.csic.es/index.php/dra/article/view/114. Acesso em: 10 jun. 2025.

BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. *In*: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BIZELLO, A. A. Caio Fernando Abreu e a Ditadura Militar no Brasil. *Nau Literária, [s. l.]*, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2005. DOI:° https://doi.org/10.22456/1981-4526.4824.

BRANDÃO, V. Cenas da violência contra a mulher: a descida ao cotidiano na literatura brasileira contemporânea.

Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 71, p. e7106, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/2316-40187106.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CORTÁZAR, J. Alguns aspectos do conto. *In*: CORTÁZAR, J. *Valise de cronópio*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DAS, V. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

DAS, V. *Aflição: Saúde, doença, pobreza*. São Paulo: Editora Unifesp, 2023a.

DAS, V. *Texturas do ordinário. Fazendo antropologia à luz de Wittgenstein*. São Paulo: Editora Unifesp, 2023b.

DURKHEIM, É. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1998.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. *Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas de vida urbana*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

EL FAR, A. Uma etnografia do galanteio nos terrenos da ficção: afinidades eletivas entre antropologia e literatura. *Revista de Antropologia*, São Paulo, Brasil, v. 57, n. 1, p. 393-422, 2014. DOI: https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2014.87764. Disponível em: https://revistas.usp.br/ra/article/view/87764. Acesso em: 14 jun. 2025.

ELIADE, M. *Mito do eterno retorno*. Tradução de José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GINZBURG, J. Memória da ditadura em Caio Fernando Abreu e Luís Fernando Veríssimo. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 15, *[s. n.]*, p. 43-54, 2007. DOI:°https://doi.org/10.17851/2358-9787.15..43-54.

HAN, B-C. *O aroma do tempo*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 2009.

JARDIM, F. Catástrofe, evento, cotidiano: modos de testemunhar na literatura de Scolastique Mukasonga. *Revista Limiar*, *[s. l.]*, v. 11, n. 21, p. 23-43, 2024. DOI: https://doi.org/10.34024/limiar.2024.v11.19875.

MOZZAQUATRO, L. Literatura e autoritarismo: o processo de construção da memória coletiva em Caio Fernando Abreu. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 3, 2004. DOI:°https://doi.org/10.5902/1679849X74209

ORREGO, J. C.; SERJE, M. Antropología y literatura: travesías y confluencias. *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología*, *[S. l.]*, v. 1, n. 15, p. 15-26, 2012. DOI: https://doi.org/10.7440/antipoda15.2012.01. Disponível em: https://revistas.uniandes.edu.co/index

.php/antipoda/article/view/1886. Acesso em: 09 jun. 2025.

PASSIANI, E. Memória, trauma e Ditadura no Brasil: a literatura testemunhal de Renato Tapajós. O romance testemunhal "Em câmara lenta" amplia a circulação social de experiências vividas individualmente, mas produtos de condições que ressoam coletivamente. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.75, n.3, p.1-6, 2023. ISSN 0009-6725. DOI:°http://dx.doi.org/10.5935/2317-6660.20230037.

PASSIANI, E. Imaginação e poéticas sociológicas. Ciência, literatura e linguagem. *In*: SANTOS, J. V. T. dos. (Org.). *Sociología Crítica Cosmopolita: trayectorias, diálogos y figuraciones*. Ciudad Autónoma Buenos Aires: CLACSO, 2024. p. 749-771.

PASTOUREAU, M.; SIMONNET, D. *Breve história de los colores*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2006.

PERTUZZATI, B. Z.; PORTO, A. P. T. Literatura de testemunho e crítica social: uma análise do romance K. – Relato de uma busca, de Bernardo Kucinski. *Literatura e Autoritarismo*, *[S. l.]*, n. 20, 2017. DOI:°https://doi.org/10.5902/1679849X27968. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/27968. Acesso em: 22 set. 2026.

PIMENTA, P.; ARENDT, J. C. Loreta Valadares, Anna Maria Maiolino e a resistência à ditadura militar brasileira: uma perspectiva de "teor testemunhal" e de gênero. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 16, n. 38, p. 1-15, e-2024019, 2024. DOI:°https://doi.org/10.33871/nupem.2024.16.38.8633. Disponível em: https://periodicos.unespar.edu.br/nupem/article/view/8633. Acesso em: 22 set. 2026.

POSTAY, L. Violência de Estado e de gênero em três contos de Bernardo Kucinski. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 61, p. e6116, 2020. DOI:°http://dx.doi.org/10.1590/2316-40186116.

ROVAI, M. G. de O.; TEIXEIRA, E. A. C. Batismo de Sangue: literatura testemunhal como ferramenta do reconhecimento histórico da dor. *Literatura e Autoritarismo*, *[S. l.]*, n. 27, 2016. DOI: https://doi.org/10.5902/1679849X21178. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/21178. Acesso em: 22 set. 2026.

SARTI, C. A construção de figuras da violência: a vítima, a testemunha. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p.°77-105, jul. 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-71832014000200004.

SELIGMANN-SILVA, M. O local do testemunho. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 03–20, 2010. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894. Acesso em: 22 set. 2026.

SILVA, C. O Brasil do deixe-o: vivências e lutas no exílio. *Revista Escrita da História*, v. 2, n. 4, p. 47-66, 2015. Disponível em: https://www.escritadahistoria.com/2024

/01/o-brasil-do-deixe-o-vivencias-e-lutas.html. Acesso em: 7 jun. 2025.

SINHORI, J.; GOMES, C. A. N. Literatura testemunhal na Ditadura Militar: conexões entre história e literatura. *Revista Interfaces*, *[S. l.]*, v. 1, n. 1, p. 83-92, 2010. Disponível em: https://revistas3.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/913. Acesso em: 22 set. 2026.

SORANZ, G. Entre decomposição e recomposição: A construção da noção de indivíduo em "Morangos Mofados" de Caio Fernando Abreu. 2024. 194 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2024. Disponível em: https://repositorio.unifesp.br/items/5cb981c3-079d-4ba2-b717-3fed1832c535. Acesso em: 22 set. 2026.

TEIXEIRA, A. L. Literatura e sociologia: relações de mútua incitação. *Sociologias*, *[s.°l.]*, v. 20, n. 48, 2018. DOI:°https://doi.org/10.1590/15174522-020004801.

UENO, B.; COSTA, H. Doenças causadas por fungos e bactérias. *In*: ANTUNES, L; REISSER JÚNIOR, C; SHWENGBER, C. *Morangueiro*. Brasília, DF: Embrapa, 2016.

WELTER, J. V. Sobrevivendo ao mofo: narrativas de redemocratização em Caio Fernando Abreu. *InterteXto*, Uberaba, v. 8, n. 2, 2016. DOI:°https://doi.org/10.18554/ri.v8i2.1318

WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILLIAMS, R. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WILLIAMS, R. A cultura é de todos. *In*:°WILLIAMS, R. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. Tradução de Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski. São Paulo: Editora Unesp, 2015.